

e-ISSN 2675-2816

**CABURÉ**

Saberes Acadêmicos  
Interdisciplinares

V. 3, N. 1 (2020)

# **SOTAQUE GAY EXISTE? COMO ABORDAR ESSA QUESTÃO EM UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO EM UM LIVRO DIDÁTICO**

**DOES GAY ACCENT EXIST? HOW TO ADDRESS THIS ISSUE IN AN  
INTERVENTION PROPOSAL IN A TEXTBOOK**

**Maria Alice Ribeiro Sousa**

[maria.ribeiro@delmiro.ufal.br](mailto:maria.ribeiro@delmiro.ufal.br)

**Josiane Alves dos Santos**

[josiane0almeida@outlook.com](mailto:josiane0almeida@outlook.com)

**Raisa Roberta dos Santos**

[raisa.santos@delmiro.ufal.br](mailto:raisa.santos@delmiro.ufal.br)

**Elivelton Soares Maciel**

[elivelton.maciел@delmiro.ufal.br](mailto:elivelton.maciел@delmiro.ufal.br)

**José Diógenes Alves Pereira**

[jose.diogenes@delmiro.ufal.br](mailto:jose.diogenes@delmiro.ufal.br)

**Kevin Dayson de Oliveira Silva**

[kevin.ufal7@gmail.com](mailto:kevin.ufal7@gmail.com)

Graduandas e graduandos do curso de Letras-Língua Portuguesa, UFAL-Campos do Sertão,  
Delmiro Gouveia (AL).

**Resumo:**

Este trabalho deriva das discussões e atividades realizadas na disciplina Linguística Aplicada, ministrada pelo professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho durante o sexto período do curso de Letras-Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Campus do Sertão. Durante as aulas, questões a respeito das abordagens epistemológicas dos estudos da linguagem foram discutidas, partindo de uma noção estruturalista, na perspectiva saussuriana, até chegar a uma proposta crítica de estudo da língua(gem), que problematiza aspectos sociais, com estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar. Aqui, foi assumida a perspectiva da Linguística Aplicada Indisciplinar, não deixando de lado aspectos de outras abordagens linguísticas, para que sejam feitas comparações, uma vez que fizemos uma análise de um recorte do livro didático de Língua Portuguesa, do 1º ano, do Ensino Médio, editado por Rogério de Araújo Ramos, em 2013. A unidade escolhida versa sobre o conteúdo de “fonema e letra”, além de discutir noções de língua e linguagem. Nesse sentido, neste trabalho discutimos uma intervenção quanto ao uso desse conteúdo trazendo uma problemática de uso real da língua através do tema “sotaque gay”.

**Palavras chaves:** Linguagem. Livro didático. Fonema e letra. Sotaque gay. Linguística Aplicada Indisciplinar.

**Abstract:**

This work derives from discussions and activities carried out in the Applied Linguistics discipline, taught by Professor Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho during the sixth period of the Portuguese Language course at the Federal University of Alagoas (UFAL), Sertão Campus. During the classes, questions regarding the epistemological approaches to language studies were discussed, starting from a structuralist notion, from the Saussurean perspective, until arriving at a critical proposal for the study of language, which problematizes social aspects, with studies of Indisciplinary Applied Linguistics. Here, the perspective of Interdisciplinary Applied Linguistics was adopted, without leaving aside aspects of other linguistic approaches, so that comparisons can be made, since we analyzed an excerpt from the Portuguese Language textbook, for the 1st year of High School, edited by Rogério de Araújo Ramos, in 2013. The chosen unit deals with the content of “letters and phonemes”, in addition to discussing notions of language and language. In this sense, in this work we discuss an intervention regarding the use of this content, bringing up a problem of real language use through the theme “gay accent”.

**Keywords:** Language. Textbook. Letters and phonemes. Gay accent. Interdisciplinary Applied Linguistics.

## Introdução

**E**m 2022, foi ofertado no sexto período do curso de Letras-Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Alagoas, a disciplina Linguística Aplicada, ministrada pelo professor Dr. Ismar Inácio Santos Filho. Entretanto, antes de adentrarmos nas discussões da área da Linguística Aplicada, para uma melhor compreensão e entendimento dessa abordagem linguística foi necessário trabalhar, a priori, a concepção de língua(gem) em Saussure, que observava a língua enquanto um sistema fechado de signos, pertencente a uma cadeia linear de dois eixos: paradigmático e sintagmático, que mesmo permitindo formações e derivações de palavras/frases, “opta” por deixar de lado o sujeito e suas práticas de uso da língua. Desse modo, nesta concepção, que é modernista, fundada em crenças positivistas e estruturalistas, com base em uma visão (a)política e (a)histórica, cria-se uma abordagem separatista entre sujeitos e objetos, entre ciência e mundo.

Nesta noção, o que se espera é a neutralidade científica, que só seria atingida quando o/a pesquisador/a distância suas ideologias do objeto estudado. Como consequência da tentativa de separação entre sujeito e mundo, pesquisador/a e objeto, temos a construção de sujeitos e objetos idealizados.

Tal concepção de se fazer ciência é entendida hoje como “utópica”, pois não há fazer científico neutro. A própria premissa de neutralidade não é neutra. É, portanto, ideológica. Neste sentido, segundo Santos Filho (2017), o Curso de Linguística Geral é um projeto discursivo de Saussure, pois, no texto, estão presentes as ideias que o suíço tinha sobre a língua(gem). Ou seja, assumir uma teoria sobre a língua implica também produzir um discurso sobre ela, produção de discurso que, inevitavelmente, depende das crenças prévias, da ideologia do teorizador, conforme discute Bagno (2019).

Após essas noções sobre o fazer científico, conhecemos a concepção de uma Linguística Crítica, que tem como caráter principal intervir no social, conforme Rajagopalan (2003), para quem trabalhar com a linguagem é agir politicamente. Logo, a ideia de que teorizar não é uma atividade ideológica não cabe mais para os estudos da linguagem, pois entendemos que o/a pesquisador/a não se afasta de suas ideologias. Pelo contrário, é apoiando-se nelas que faz valer seus estudos, interferindo nas problemáticas sociais.

Posterior a essa noção crítica, discutimos a perspectiva da Linguística Aplicada, que, aqui no Brasil, tem buscado por novas formas de fazer ciência, de estudar a linguagem, rompendo com paradigmas ideias modernistas, fazendo um trabalho que seja responsável e coerente com a contemporaneidade, levando em consideração os sujeitos e suas multiplicidades, as suas práticas discursivas e performativas, levando em consideração, também, o contexto, a história, a ideologia, o plurilinguajar etc., o que torna esta área de conhecimento um campo híbrido e indisciplinar.

Tendo feito todos esses estudos durante a disciplina e depois de realizarmos ao longo do período inúmeras atividades e debates de modo a compartilharmos os nossos entendimentos sobre cada uma das noções de linguagem e sobre os aspectos de cada teoria, foi proposto para finalização da disciplina uma análise de um recorte do livro didático de Ramos (2013), que trata sobre o conteúdo de “fonema e letra”. O comando solicitado foi o de fazermos uma leitura (enunciativo-discursiva) do recorte do livro, indicando uma intervenção na

proposta de aula de Língua Portuguesa nesse material didático citado, levando em consideração uma problemática linguística: o (suposto) sotaque gay. Para tanto, foi preciso dialogar com estudos sobre Linguística Aplicada (indisciplinar), a partir de Moita Lopes (2013a; 2013b), Rajagopalan (2003) e Viscardi (2020), dentre outros, de modo a pensarmos sobre a noção de linguagem e a perspectiva de estudo de língua, para a questão do sotaque.

### **Da Linguística Moderna à Linguística Aplicada Indisciplinar**

Antes de nos aprofundarmos na teoria e nos conceitos principais da Linguística Aplicada, é preciso traçar um panorama do que veio antes desta proposta pós-moderna e transdisciplinar de estudar a língua(gem). Tudo se iniciou no século XX, com os estudos de Ferdinand de Saussure (1916), nos quais se refere à língua como um objeto de estudo científico. Este é grande marco, que podemos chamar de “corte epistemológico” nos estudos da língua, pois os escritos desse professor genebrino trouxeram um horizonte alternativo do que se entendia como língua na sua época, consolidando a noção de que a língua é um sistema psicossocial de signos linear de dois eixos, o sintagmático (o eixo da combinação, horizontal) e o paradigmático (o eixo das escolhas, vertical), que estão em constante ação. Para ele, esse sistema é formado de signos que não têm valor absoluto, pois possuem valor relativo e estão em oposição a outros signos.

Em texto sobre os 100 anos do “Curso de Linguística Geral”, de Saussure (1975), obra que deu início ao pensamento linguístico moderno, Santos Filho (2017) argumenta que há neste livro póstumo uma reconstrução do pensamento saussuriano com um caráter interpretativo, pois o que se sabe e se toma como ciência (consequentemente como verdade) são escritos de seus alunos, organizadores da obra. Hoje, podemos reconhecer nas reflexões saussurianas uma preocupação firme com a delimitação e com a natureza da língua(gem). Porém, os construtos teóricos do professor edificam sua reflexão da língua como um sistema de signos que se mantém numa natureza absolutamente fechada em si e para si. Diante desses debates, vimos que a Linguística Moderna saussuriana já não consegue dar conta dos tempos pós-modernos, fato que desperta a necessidade de trazer para a discussão mais um novo “corte epistemológico” para entender a língua(gem) contemporaneamente: a Linguística Aplicada Indisciplinar.

Nos tempos depois de Saussure, até a culminância de uma oposição radical nos anos 1990, a necessidade de novas epistemologias e a falta de respostas para novos questionamentos sobre a língua(gem) começaram a efervescer. Logo, perspectivas como a realidade social e o fato histórico passaram a ser consideradas como base para se entender a língua, agora. Desta forma, a Linguística Aplicada Indisciplinar surge como uma ciência pós-moderna que se preocupa em investigar e compreender a língua(gem) de diferentes grupos sociais na contemporaneidade e tem a linguística, a sociologia e outras disciplinas como bases para seu desenvolvimento, propondo um caráter trans e indisciplinar, que não se enquadra no viés da linguística tradicional, nem no de nenhum outro pensamento tradicional modernista.

Moita Lopes (2006) discute que a LA Indisciplinar deseja falar com o mundo em que vivemos, no qual muitas das questões que nos interessavam mudaram de natureza ou se complexificaram ou deixaram de existir, como, por exemplo, a

**p. 70-82**

**Maria A. R. Sousa; Josiane A. Santos; Raísa R. Santos; Elivelton S. Maciel; José D. A. Pereira; Kevin D. O. Silva**

“Pandemia de COVID-19”, contexto analisado por Santos Filho e Santos (2020) para pensar a língua em conjunto com as práticas sociais, quando afirma que o vírus trouxe mudanças sociolinguísticas-estruturais para pesquisadores, especialistas e para a sociedade em geral. Ainda, ao passo que a linguística modernista se manteve dentro de suas fronteiras, a Linguística Aplicada impulsionou os estudos de língua(gem), considerando o meio social e as vozes que sempre foram ideologicamente inferiorizadas por aqueles sujeitos que se negam às diferenças.

Considerar as práticas sociais e as vozes inferiorizadas para pensar a língua requer trazer ao pensamento o que a LA Indisciplinar entende por língua. No capítulo 3 do livro “Português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico”, intitulado “Como e porque teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos de globalização cultural”, o professor Luiz Paulo da Moita Lopes (2013b) conversa com os filósofos Deleuze e Guattari para metaforizar a língua como um rizoma. Esta metáfora, segundo o autor, se dá para fazer entender que nesses estudos as pessoas e as suas subjetividades são consideradas nas práticas sociais situadas na construção de significação em que atuam. Ou seja, passa-se a considerar que a língua passa a ter significação no mundo e ao mesmo tempo o constrói. Aqui, a língua é pensada como comunicação, através da repetição e da mudança e possui um caráter multissemiótico, e as pessoas vão aprendendo dependendo de suas necessidades para agir no mundo efetivamente. Como tais ideias nos ajudam a pensar o livro didático de Língua Portuguesa e a fazer uma intervenção em uma proposta didática sobre “fonema e letra”?

74

### Da noção de língua ao livro didático

Nessa discussão, ao fazermos a leitura do livro didático “Ser protagonista: Língua portuguesa 1”, de Ramos (2013), vemos, na Apresentação, que o autor tenta aproximar-se de uma perspectiva de linguagem que dialoga com uma linguística crítica, ao propor que, nas três partes do livro (literatura, linguagem e produção de texto), abordará um estudo de língua portuguesa que estará relacionado à vida social, com o objetivo de ajudar os alunos e as alunas a tornarem-se sujeitos críticos e atentos no mundo atual em que vivemos, para que assim possam(os) exercer uma participação social construtiva.

Ainda na *Apresentação*, é tratado sobre o que irá ser abordado em cada uma das áreas do livro, a começar pela literatura, seguido pela linguagem e finalizando com a produção textual. Nessa proposta, chama-nos atenção a área de linguagens, pois é na descrição desta área que vemos a tentativa de aproximação de uma linguística crítica e ao mesmo tempo o retorno para uma perspectiva estruturalista, quando o autor começa a dizer que na área da linguagem o(a) leitor(a) irá refletir sobre a língua em suas múltiplas dimensões, social, cultural, política, ideológica e expressiva, e que, concomitante a isso, estudará de forma crítica os principais aspectos gramaticais. Em seguida, diz que na abordagem do livro irá romper com a noção de certo e errado na língua, pois essas noções só discriminam grupos de falantes, ou, como Moita Lopes (2013b) diz, a perspectiva modernista de linguagem é responsável pelos conflitos da humanidade. Porém, logo em seguida, Ramos (2013) comenta que é de suma importância conhecer a norma culta, para que se dê o exercício pleno da cidadania e para o enriquecimento cultural.

Tal afirmação contradiz com o que o autor até então estava defendendo, deixando implícito que só através do conhecimento da norma culta é que se faz exercer a cidadania plena e que só é rico culturalmente aqueles sujeitos que se apropriam dela. Ou seja, assim, a diversidade de uso da língua parece ser considerada inferior.

Diante disso, o que vemos depois, no conteúdo do livro didático, é a perspectiva modernista descritiva, mais do mesmo. Os conteúdos são apresentados de forma conteudista, sem levar em consideração os contextos de usos reais dos falantes, sem fazer problemáticas que venham a interferir na vida dos alunos e das alunas. Assim, o “Ser protagonista” fica restrito apenas ao nome do livro, pois o livro em si não incita no capítulo analisado o protagonismo dos/das estudantes.

No capítulo 22, por exemplo, intitulado de “A língua no microscópio”, no tópico “fonema e letra”, é apresentado um texto que trata sobre a mudança da palavra “biblioteca” para a palavra “bibliotroca”, em referência a práticas de mães de alunos/alunas que trocam livros usados de seus filhos, de suas filhas, por livros didáticos de outros/outras colegas mais velho(a)s, para economizar na compra desse material escolar. Vejamos um recorte.

**Figura 01:** Recorte de Ramos (2013) sobre “Fonema e letra”.

**Fonema e letra**

• Leia, a seguir, uma nota publicada no suplemento de uma revista semanal. Em seguida, responda às questões.

**“Bibliotrocas” barateiam livros**

Pelos cálculos da designer Mary da Rocha Azevedo, mãe de Isabel [...] e de dois adolescentes, o gasto com material escolar em 2009 ultrapassaria 2 500 reais. Ela conseguiu, contudo, reduzir a facada em 1 150, trocando livros didáticos usados de seus filhos por outros de colegas mais velhos. “O Colégio Pio XII emprestou uma sala, onde as mães organizaram a “bibliotroca”, conta. Neste início de ano, mais de 180 famílias aderiram. Escolas como Santo Américo, Santa Maria, Humboldt e Franciscano Nossa Senhora Aparecida fazem ações semelhantes.

ANDRÉIA, CARREIA, GUARANI, HELENE, BERTINI JR., JÔNIO. Veja São Paulo, São Paulo, Abril, p. 10, 4 fev. 2009.



1. “Bibliotroca” é uma palavra, criada pelos autores da nota, que não existe no dicionário. Qual é o sentido dessa palavra no texto?

2. O uso das aspas na palavra “bibliotroca”, no título do texto, poderia ser justificado de duas maneiras. Quais são elas?

3. Embora nos textos jornalísticos predomine a objetividade no tratamento dos fatos, no texto acima há uma palavra que expressa a opinião dos autores sobre os gastos da entrevistada com o material escolar dos filhos. Que palavra é essa? Qual é o significado dela?

**Fonte:** Ramos (2013).

Após o texto, há uma atividade com três perguntas, todas remetendo a elementos do próprio texto, não fazendo contextualizações ou problematizações com fatores extralinguísticos. Em seguida, é apresentado o conceito de “fonema e letra”, depois os conceitos de “vogal”, “consoante”, “semivogal”, “encontros vocálicos”, “dígrafos” e “separação silábica”. Todos esses conteúdos são apresentados de forma clara e didática, porém, isso já é facilmente encontrado em muitos outros livros didáticos. Falta, então, uma perspectiva de linguagem baseada na proposta da linguística crítica, com problematizações dos usos reais da linguagem. Falta trazer exemplos que façam com que os/as estudantes do ensino médio questionem, se incomodem, reflitam e ajam criticamente sobre o mundo.

O que se tem, no entanto, é um livro didático que nos anuncia, a priori, uma proposta de ensino de língua que leve em consideração os sujeitos, mas que, na

p. 70-82

Maria A. R. Sousa; Josiane A. Santos; Raísa R. Santos; Elivelton S. Maciel; José D. A. Pereira; Kevin D. O. Silva

verdade, o que apresenta é uma proposta de linguagem que ainda está presa na redoma da perspectiva modernista: a língua em si é por si, sem levar em consideração os sujeitos, suas práticas de usos, ideologias e histórias. Que postura, então, assumir, quando conhecemos outras possibilidades de estudos da língua(gem), como a de uma Linguística Crítica e uma Linguística Aplicada Indisciplinar?

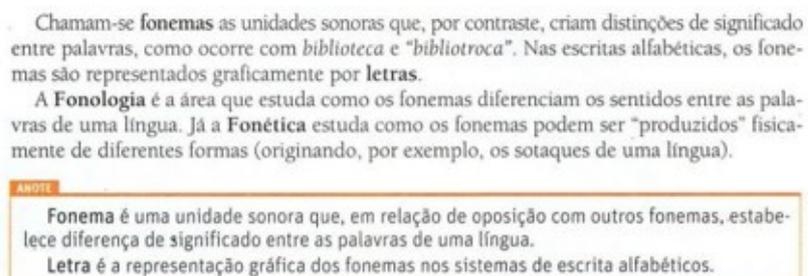
### Trazendo à luz novas leituras [uma proposta de intervenção sobre “sotaque gay”]

Ao analisar um livro didático, tal como a proposta em Ramos (2013), o professor ou a professora deve estar atento/atenta ao conteúdo proposto pela editora e à maneira como aquela proposta didática pode ajudar nos momentos de aula. De acordo com Esteves (2015), deve-se ter em mente que não existe livro didático perfeito, pois, normalmente, são escritos para um público “genérico” e que por isso cabe à/ao professor/a analisar a linguagem usada no material, bem como ir em busca de características trans e indisciplinadas nos conteúdos. Nesse sentido, em qualquer proposta de livro didático haverá lacunas, mas quem decide a maneira com a qual essas lacunas serão preenchidas é o/a docente, isso porque “entre o livro e a turma sempre está um professor que organiza o uso do recurso” (Soares, 2015, p.19).

Nessa perspectiva, em uma análise aprofundada da unidade 11, “Linguagem e materialidade”, e do capítulo 22, “A língua no microscópio”, presentes no livro “Ser protagonista: Língua Portuguesa 1”, de Ramos (2013), é possível perceber que existe uma tentativa rudimentar de explicar o conteúdo “Fonema e letra”, partindo do ponto de vista da descrição, sem apoiar a discussão e até mesmo os exercícios em um contexto social ou até mesmo em uma situação real de uso da língua, tão importante para um livro que propõe, no título e na Apresentação, que o/a aluno/a exerça uma “participação social construtiva”.

É pensando nessas lacunas e na possibilidade de inserir usos reais da língua e problemáticas reais do ato de fala que surge a necessidade de uma proposta de intervenção à maneira como o conteúdo é tratado. Desse modo, no capítulo “A língua no microscópio”, o editor Ramos (2013, p.268) apresenta uma definição de “fonema e letra” nos seguintes termos: *Letra* é a representação gráfica dos fonemas nos sistemas de escrita alfabéticos e, *Fonema* é uma unidade sonora que, em relação de oposição com outros fonemas, estabelece diferença de significado entre as palavras de uma língua. Vejamos:

**Figura 02:** Recorte sobre a conceituação de “fonemas e letras” em Ramos (2013).



**Fonte:** Ramos (2013).

Nesse conteúdo didático, no entanto, apesar de uma definição dos termos a serem estudados, não há uma representação do conteúdo em funcionamento, há apenas descrição de elementos linguísticos. À vista disso, trazendo à luz novas leituras do conteúdo de “Fonemas e letras”, pensamos uma possibilidade de aula na qual incluímos como conteúdo uma discussão sobre “sotaque gay”, ao passo que se torna interessante também inferir sobre a concepção de “voz de gay”. Nessa aula, passamos a ter perguntas como: “Qual tipo de sotaque vocês conhecem” e “Gay tem sotaque?”. Seriam direcionadas à turma (do primeiro ano do ensino médio), na tentativa de levantar uma discussão acerca da definição de sotaque e de um possível sotaque gay em diálogos com o conteúdo de “Fonema e letra”.

Chegamos a um acordo sobre essa intervenção possível, na qual partiríamos do princípio de que o/a professor/a não deve apenas se basear no livro didático. Então, traríamos outras fontes e também procuraríamos interagir com a turma, porque o/a docente precisa conhecer a turma e a situação desses alunos e dessas alunas. Portanto, no início, tal como já aventamos, perguntaríamos o que entendem por “sotaques” e se acham que existe um sotaque que seja gay. A partir dessa introdução didática, utilizaríamos o vídeo promocional da Margarina Primor, que circulou neste segundo semestre de 2022, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tbnVh9nvvhk>, do qual vemos três cenas abaixo, na primeira, a ideia central do que é esse filme comercial, que é a apresentação de histórias em família em que as receitas são feitas com a margarina Primor, a segunda, que destaca a narrativa de Aleksander e sua vó, e a terceira em que há uma fala desse jovem e expressões de carinho com a vó:

**Figura 03:** Cenas do vídeo promocional da Margarina Primor.



**Fonte:** Primor (2022).

No vídeo da Primor, Aleksander usa camisa cor de rosa e, na última cena, afirma, em tom emocionado:

p. 70-82

Maria A. R. Sousa; Josiane A. Santos; Raísa R. Santos; Elivelton S. Maciel; José D. A. Pereira; Kevin D. O. Silva

quando usei primor na receita de cuscuz recheado da minha vó (+) ela me disse (+) ‘tão fofinho quanto o meu (+) **cho::rei** ((alongando a vogal “o”, na primeira sílaba do verbo que expressa a ação mencionada, de chorar))

Nesse caso, possivelmente por questões político-ideológicas, muitos desses sujeitos estudantes poderiam dizer que o sotaque gay seria encontrado na personagem Aleksander, porque nessa propaganda há várias pistas de sentidos, deixadas sobre o que é ser gay. Mencionamos esses aspectos, porque, tal como discutem Santos Filho e Santos (2020), os discursos funcionam como projetos performativos, que criam sentidos sobre o outro, interpelando os interlocutores e as interlocutoras a assumirem certos sentidos, a partir de sentidos e de “ecos de sentido” já existentes. Então, se recuperarmos o nosso imaginário cultural, há a percepção do que é ser homem hétero e do que é ser homem gay.

Nesse caso, Aleksander, por apresentar uma voz nasalizada, por utilizar a cor rosa, por estar com sua avó, por dizer que chorou, expressando um sentimento e alongando a vogal, pode ser considerado fora dos padrões do que se entende sobre o que é ser hétero, do que é ser homem, desse ideal viril, de masculinidade, de alguém que não chora, que não usa certa roupa. Então, partiríamos desse imaginário do que é ser homem recuperado no filme comercial, para posteriormente pensarmos sobre sotaque, sotaque gay. Trataríamos o filme comercial, a partir de Santos Filho e Santos (2020) e Viscardi (2020) como um ato performativo, que não é um ato em si linguístico, ou semiótico, pois o que há de fato através das práticas discursivas são projetos performativos, no sentido de que há nos enunciados propostas discursivas que visam interpelar, a praticarem determinadas ações, a partir das forças das citações sustentadas.

Se voltarmos à fala da Ministra Damares, que disse que mulher usa rosa e homem usa azul, Aleksander, nesse imaginário de uma pessoa conservadora, não é um homem (hétero), porque ele não está usando azul. O homem hétero, construído no imaginário nessa sociedade, também não cozinha, não ajuda na cozinha. O homem hétero não estaria cozinhando com a sua vó. O que esperar de respostas dos alunos e das alunas, nessa proposta de intervenção no livro didático? A partir dessas respostas, traríamos como segunda proposta o vídeo que aborda as falas de de Matthew e de Chris, e que problematiza sobre preconceitos que eles vivenciam na sua vida por essa questão de se dizer que existe uma “voz de gay”.

Nesse redirecionamento da proposta do livro didático, após o momento inicial de discussões, assistiríamos com a turma o curta-documentário (Op-Doc), intitulado de “Whos sounds gays?” (Quem fala (como) “gay”?), de David Thorpe. Este documentário explora a vida de dois homens: um com um jeito de falar estereotipadamente considerado homossexual (o Kris) e outro com jeito de falar estereotipadamente heterossexual (o Matt). Diferentemente do que se acredita entre a maior parte das pessoas com que eles convivem, Kris é heterossexual e Matt é homossexual. Esse documentário está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Lkm0rmigG0w>.

No vídeo, vemos que Matt é criado em um ambiente de homens heterossexuais e o que, socialmente, se espera dele é que também seja um homem heterossexual. Tem uma voz grossa, mas, diz “não, mas eu sou homossexual”. Com o Chris é ao contrário. Foi criado em um ambiente feminino e tem uma voz mais

nasalizada, uma voz mais fina, suave, que no imaginário social se considera que seria uma voz de um homem homossexual. Só que ele diz que é heterossexual. Então, com os propósitos iniciais, passaríamos a fazer pensar sobre fonemas e letras, na problematiza se existe sotaque próprio de gay (“sotaque gay”), entre aspas, levando à sala esses materiais midiáticos, para que possam ver na vida real como funciona essa noção de “voz de gay”, “sotaque de gay”, e para pensar se devem continuar propagando tal ideia ou se essa noção é algo que foi construído de maneira preconceituosa e estereotipada e que precisa ser derrubada.

Em resumo, no tocante ao conteúdo “fonemas e letras”, começaríamos com essas perguntas provocadoras, para despertar essa noção de se realmente há uma voz de gay, um sotaque gay, e depois faríamos essa intervenção com os vídeos, a partir da compreensão de que o livro didático de Ramos (2013) apresenta o conceito de fonemas, mas não leva em consideração as formas pelas quais esses fonemas são produzidos, a exemplo da questão das entonações, que tem a ver com essa questão desses supostos sotaques que são criados. Discutiríamos a palavra “voice”, porque um dos homens vai falar de um jeito e o outro vai falar de outro, para a turma ver/entender que nessa palavra, quando falada por Chris e por Mat, existe uma diferença entre os fonemas enunciados por cada um deles, mas tendo a mesma quantidade de fonemas e de grafemas.

A ideia é a de que pudessem perceber que, no entanto, a entonação da voz varia de pessoa para pessoa, independentemente do gênero ou da sexualidade dessa pessoa, porque pronunciamos de maneiras diferentes. Logo, as palavras que usamos dependem da maneira que “escolhemos” fazer uso delas. Desse modo, não seria uma questão da “voz de gay”, porque, no sentido como é pensada, essa voz não está relacionada, como algo intrínseco ao gênero ou à sexualidade em si.

A proposta é que essas atividades ajudariam os alunos e as alunas a romperem certos preconceitos, que são vinculados nos meios midiáticos, passando a entender que não tem um tipo certo de falar, que não devemos colocar as pessoas em certo nível, porque cada pessoa tem sua subjetividade e seu modo de falar, não havendo certo ou errado. Não há fala feia ou bonita. Conforme Viscardi (2020), é linguagem, e não podemos colocar essas pessoas e sua linguagem em uma caixa, em uma única possibilidade. Então, acreditamos que trabalhar essa problemática social levaria a turma a romper com esses estereótipos e preconceitos presentes. Em consequência, ajudaríamos também no social, na sociedade, porque no ensino da língua, na escola, na educação, haveria um espaço de mudança e transformação.

Faríamos perguntas como “Será mesmo que o ‘sotaque gay’ existe ou um sotaque é próprio de cada pessoa, apenas uma variedade, uma variedade própria, relacionada à subjetividade, a um modo de falar próprio daquele indivíduo?” Abordaríamos, logo de início, a questão da construção, da origem do falante, da origem desse falante e da sua identidade também, para mostrar, com a reflexão no vídeo “Voz de gay: uma construção”, em <https://www.youtube.com/watch?v=4fVYfT1nU6w>, em que Célio de Andrade (2017) explicita que a noção de “voz de gay” é uma construção social, tal como no Op.Doc, em que um homem que não era gay falava com uma voz considerada “de gay”.

Na dimensão teórico-conceitual, dentro dessa proposta, poderíamos introduzir a fonologia da língua portuguesa, e suas várias abordagens, para fazer pensar sobre a forma como escutamos determinados sons, a fonética acústica,

p. 70-82

Maria A. R. Sousa; Josiane A. Santos; Raísa R. Santos; Elivelton S. Maciel; José D. A. Pereira; Kevin D. O. Silva

auditiva e a articulatória, e nessa última os mecanismos de produção dos sons da fala, de modo a explicar e a classificar os sons da fala de uma maneira como os sons são produzidos pelo aparelho fonador. Discutiríamos o aparelho fonador daquele falante, por ter nascido em numa família composta por mulheres, podendo, então, ter o aparelho fonador acostumando com determinados tipos de sons. Essa abordagem ajudaria a explicar também as questões específicas desse som, de um som mais nasalizado, e entrariam também as questões dos sons orais, como é que são, por onde passam, incluindo também a dimensão da fisiológica da voz, de modo a fazer compreender que a voz não tem a ver com sexo, sexualidade. Explicaríamos as diferenças aí conectadas. Veríamos do mesmo modo a ideia de uma voz de gay está atrelada a uma questão social. A esse respeito, diríamos, com Viscardi (2020), que se trata de uma questão da variação, variações de pronúncia.

Seria uma proposta de acordo com a fala de Ramos (2013), quando diz dos desafios de transformar a informação em conhecimento, de modo que contribua para a formação do sujeito cidadão ético e autônomo. Então, nessa nossa proposta, nesse viés, veríamos, com Moita Lopes (2013), que os indivíduos taxados de terem sotaque gay podem estar postos à margem. Nesse sentido, é um caminho para pensar diferente o uso da língua em sociedade, já que, no senso comum, muitas pessoas julgam e dizem que os gays têm sotaque próprio, querendo identificar a sexualidade da pessoa pela fala, fazendo distinção entre duas categorias, homo e heterossexual. O curta-documentário, do New York Times, diz que nosso modelo de desenvolvimento de linguagem é o que nos influencia na nossa maneira de falar na vida adulta.

Desse doc., podemos problematizar a entrevista de Benjamin Munsell, um linguista da Universidade Mansolta, que argumenta que a criança aprende a falar dentro de uma influência de fala. Entretanto, de acordo com sua pesquisa, diz que mulheres e homens apresentam micro-variações em suas falas, podendo incluir essa discussão sobre sexualidade, e gênero, que, nas discussões sobre descrição dos fonemas são incluídas explicações relacionadas a essas micro-variações. Inclui, então, as explicações sobre os sons “sibilantes” – sons agudos semelhantes a assobios – que, geralmente, são relacionados a mulheres. Poderíamos trazer também a visão dos grafemas para descrever e representar esses processos. Nesse ponto da aula, de modo a trazermos informação mais completa sobre língua e sua variedade, discutiríamos que se acredita que os gays possuem vogais mais esticadas, como podemos notar na fala do Aleksander, no vídeo promocional da margarina Primor, no momento quando ele fala “cho::rei”, dando uma esticada no /o/. Porém, levamos a pensar que não existe um sotaque gay, tal como é pensado pelo senso comum.

Assim, a partir desta proposta didática, propomo-nos a pensar a língua como um recurso comunicativo, nos termos de Moita Lopes (2013b), do qual fazemos uso em nossas vivências e que se efetiva na interação de múltiplas mentalidades e múltiplos modos de ser.

### **Considerações**

Diante do exposto, fica evidente que os livros didáticos por melhores que sejam nunca estarão completos. Isso tem a ver com questões econômicas, culturais e ideológicas, atreladas a uma perspectiva de linguagem modernista, ainda presente no ensino da língua portuguesa, que vê a língua de forma idealizada,

assim como no livro de Ramos, e em outros, no qual o que temos são abordagens conteudistas, que observam a língua em si por si, sem levar em consideração fatores extralinguísticos. Logo, por mais que haja uma tentativa de sair da redoma da modernidade, os vestígios estruturais estarão lá, porque há um sistema que reforça essa perspectiva de linguagem.

Como alternativa para confrontar esse esquema, o/a professor/a não deve ficar preso/a ao livro didático, fazendo-se importante que vá atrás de outras fontes, que busque trazer problemáticas sociais para as aulas de Língua Portuguesa. Aqui, propomos a temática do sotaque gay, que, como vimos, está para um projeto performativo, que, tal como no comercial da margarina, tem como objetivo interpelar os sujeitos a assumirem determinada posição/visão sobre o outro, neste caso sobre os homens gays. Esse projeto cria estereótipos, que são reforçados pela mídia e acabam tornando-se convenções sociais, que funcionam como mecanismo de reforço de preconceito, homofobia e machismo.

Diante disso, trazer essa problemática de uso da língua para a sala de aula torna-se extremamente necessário, uma vez que, como docentes, temos que problematizar noções de linguagem que estão presentes na escola, no social. Desse modo, trabalhar a temática pode ajudar a fazer com que os sujeitos aprendizes não fiquem limitados a uma noção de língua que não faz parte de sua realidade, ajudando, também, a romper com preconceitos e injustiças sociais, uma vez que acreditamos que a escola é o espaço em que a mudança é possível.

De modo geral, esse estudo se faz importante, para problematizarmos as tentativas construídas socialmente de etiquetar as coisas, as pessoas, como destacam Santos Filhos e Santos (2020). Nesse sentido, a partir dessas materialidades linguístico-discursivas, é possível problematizar o entendimento dessas etiquetas para determinados sujeitos. Uma das coisas que achamos que é importante é o fato de poder possibilitar que esses sujeitos, alunos e alunas do ensino médio, do primeiro ano do ensino médio, entendam como é que sai e por onde passa esse som para construir o ar, como é que ele vai passando para construir a nossa voz, quais são esses pontos e quais são os pontos de articulação que possibilitam que a gente tenha a pronúncia X ou Y.

Em específico, trazer essa questão de alguns aspectos que socialmente são atrelados à essa ideia de um possível sotaque gay nos fez ter uma criticidade ao livro didático. Logo, tendo todas e todos vindo de um estudo mais estrutural, sistemático, temos, agora, como futuro(a)s docentes, outras possibilidades. Por fim, é importante dizer que a proposta nos tirou da nossa zona de conforto e nos faz refletir sobre a linguagem, sobre o ensino dessa linguagem. Então, fazer o estudo dessas problemáticas nos ajuda a entender que há uma ideologia dominante no ensino da Língua Portuguesa. O estudo contribui bastante para a nossa formação.

## Referências

ESTEVES, Patrícia. Análise do livro didático. Patrícia Elisa Clipolleti Esteves. 2015. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=zi-9qF6U-a4&t=41s> >. Acesso em 23 de junho de 2022.

BAGNO, Marcos. **Objeto língua**. Parábola: São Paulo, 2019.

p. 70-82

Maria A. R. Sousa; Josiane A. Santos; Raísa R. Santos; Elivelton S. Maciel; José D. A. Pereira; Kevin D. O. Silva

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006, p. 11-24.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). **O português no século XXI-cenário geopolítico e Sociolinguístico**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013b.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Conversas questões de linguagem**. 2013a. Luiz Paulo da Moita Lopes. Youtube, 15 dez. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bWFAkLwTMM8&t=696s>. Acesso em: 23 junho 2022.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Ser protagonista: língua portuguesa, 1º ano: ensino médio**. 2. ed. São Paulo: Edições Sm, 2013.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. 2003. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial.

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos. **100 anos do curso de linguística geral: Na construção da linguística, “diálogos” com Saussure**. 2017. (Apostilha).

SANTOS FILHO, Ismar Inácio dos; SANTOS, Hugo Pedro Silva dos. **As Palavras Na Berlinda: “Os Retirantes do Coronavírus” / “O Novo Êxodo Nordestino”: [o linguístico, o histórico e o geográfico, no político]**. **Edufal**, Maceió, jun. 2020, p. 96-117.

SOARES, Wellington. Em busca do equilíbrio... **Nova Escola**, p. 16-23, maio, 2015.

VISCARDI, Jana. Sotaque em inglês é um problema? Jana Viscardi. 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ljlqoqUuV7Y>. Acesso em: 23 junho 2022.

Delmiro Gouveia (AL), 26 de junho de 2022.